



HAL
open science

A Revolução Ortodoxa Russa – Desmonte do socialismo soviético e caos neoliberal (La révolution orthodoxe russe - Démantèlement du socialisme soviétique et chaos néolibéral)

Felipe Costa Lima

► To cite this version:

Felipe Costa Lima. A Revolução Ortodoxa Russa – Desmonte do socialismo soviético e caos neoliberal (La révolution orthodoxe russe - Démantèlement du socialisme soviétique et chaos néolibéral). 3^o Seminário de Relações Internacionais: Repensando Interesses e desafios para a inserção internacional do Brasil no Século XXI, 29 e 30 de setembro de 2016, UFSC| Florianópolis | Santa Catarina, Sep 2016, Florianópolis, Brazil. hal-03948021

HAL Id: hal-03948021

<https://hal.science/hal-03948021>

Submitted on 19 Jan 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

3º Seminário de Relações Internacionais GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

**Repensando Interesses e desafios para a inserção internacional do Brasil no Século
XXI**

29 e 30 de setembro de 2016, Florianópolis, Brasil

Área temática: Economia Política Internacional

**A REVOLUÇÃO ORTODOXA RUSSA – DESMONTE DO SOCIALISMO SOVIÉTICO E
CAOS NEOLIBERAL**

Felipe Costa Lima¹

PUC Minas

¹ Mestrando em Relações Internacionais pela PUC Minas, Especialista em Política Internacional pela Faculdade Damásio de Jesus e Bacharel em Direito pela UFMG. E-mail: felipelimaufmg@gmail.com.

Resumo

A emergência do neoliberalismo, no sistema internacional, influenciou intensamente o período pós-Guerra Fria da Rússia, na medida em que a ortodoxia do mercado preencheu o vazio ideológico deixado pela queda do regime baseado no Marxismo-leninismo. Essa teoria apontava que o sucesso do Ocidente e a derrota da URSS deviam-se ao próprio mercado, visto que este ofereceria uma oportunidade para a Rússia se desenvolver e se reformar. O desenvolvimento efetivo não ocorreu, já que não houve aumento significativo dos investimentos, não ocorreu, tampouco, crescimento e, mais do que isso, a economia de mercado proporcionou enorme corrupção, inequidade e sofrimento à população russa; essas características proporcionaram, como consequência, a diminuição do apoio da sociedade ao governo. Embora a aplicação das teses e teorias neoliberais tenham obedecido estritamente à cartilha do Consenso de Washington, a realidade foi extremamente discrepante. A sociedade ativa (Polanyi, 2000) estabelece, assim, uma tensão contraditória com o mercado, principalmente quando este tende a prejudicar aquela; a sociedade, portanto, tende a reagir para subordinar o mercado, em contraposição à desumanização proporcionada por esse novo tipo de Estado. O novo capitalismo russo colocou em risco a essência humana da população, já que os efeitos nefastos desse novo regime atingiram a maioria do povo, tornando suas vidas intensamente mais contraditórias e paradoxais do que antes da queda do regime soviético. A partir disso, o neoliberalismo foi premissa importante para o surgimento de novas relações sociais, como o aparecimento de uma nova elite dominante - das oligarquias -, a emergência do processo de Acumulação por Espoliação (HARVEY, 2004), o aparecimento de novas relações de trabalho e inúmeros outros problemas socioeconômicos. Desse modo, este trabalho se propõe a apresentar e analisar as consequências e as reações a essa "Revolução Neoliberal" na Rússia, principalmente no que concerne ao contexto econômico e social.

Palavras-chave: Neoliberalismo, Sociedade Ativa, oligarquias, espoliação

1. Introdução

Os catalizadores do processo de queda da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) podem ser compreendidos a partir de inúmeras falhas nesse Estado. Primeiramente, as reformas estabelecidas pela administração de Gorbachev, ao tentar atribuir maior legitimidade ao regime político soviético, por intermédio da *Glasnost*² e da *Perestroika*³, acabaram suprimindo os principais mecanismos de controle do Estado soviético, o que proporcionou a retirada da base de apoio restante desse governo.

² A *Glasnost* foi uma “[...] estratégia política voltada a ampliar apoio na sociedade soviética, sobretudo entre os intelectuais, aos esforços do governo a favor da desmilitarização (redução das armas nucleares, redução das forças armadas e retirada das tropas da Europa) e diminuição do peso econômico e da importância política do complexo industrial-militar” (MEDEIROS, 2011, p. 23). Essa revisão da doutrina militar conseqüentemente “[...] teve um imenso impacto sobre o ministério da Defesa e a elite do Exército Vermelho. Este último era o principal elemento de coesão das nacionalidades e dos grupos étnicos. O declínio do poder do Exército foi, assim, o estopim para o separatismo” (MEDEIROS, 2011, p. 23).

³ “[...] esse fracassado programa de Gorbachev [...] previa a adoção gradual e controlada de mecanismos de mercado, visando à substituição dos métodos de regulação administrativos por mecanismos econômicos. O programa buscava a descentralização da tomada de decisão, a observância do princípio do autofinanciamento e a utilização crescente do mercado como mecanismo de alocação de recursos e de regulação das relações contratuais entre as empresas” (CLARKE apud ALVES, 2011, p. 191).

A queda nos preços das commodities – petróleo e gás natural – durante o período Gorbachev, a campanha anti-álcool promovida por esse governo, a invasão ao Afeganistão em 1979 e os cataclismas naturais (o acidente de Chernobyl⁴ e o terremoto de Spitak⁵) prejudicaram ainda mais o já frágil orçamento soviético. As políticas econômicas abortadas precocemente, como aquela de uma nova industrialização baseada em impulsos de altas tecnologias, e as reformas econômicas feitas apenas parcialmente aceleraram a dissolução do regime em Agosto de 1991 (MAU, 2003).

Ademais, as mudanças proporcionadas, na década de 1970, efetivaram um poder profundo a verdadeiras classes administrativas transnacionais, as quais deram impulso à internacionalização da produção e das finanças, instituindo uma estrutura classista global – elite transnacional.

Houve uma ascensão na estrutura de poder do capital transnacional apoiado e promovido por diversas formas de interação entre elites que forjaram perspectivas comuns, ou uma “uniformidade servil” entre negócios, oficiais estatais e representantes das organizações internacionais, favorecendo a lógica das relações de mercado capitalistas (COX, GILL e LAW apud MORTON. p. 124, tradução nossa)⁶.

Essa síntese de interesses e identidades para além do território e das classes nacionais criou condições para a supremacia do capital internacional (GILL apud MORTON, 2007). A supremacia seria a possibilidade de coerção econômica e o uso potencial de violência organizada como meio de intimidação e fragmentação da oposição.

A supremacia prevalece quando uma situação de hegemonia não é aparente e quando dominação é exercida por meio de um bloco histórico sobre oposição dividida (GILL apud MORTON, 2007, p. 124, tradução nossa)⁷.

A emergência do neoliberalismo, no sistema internacional, juntamente com todos os problemas durante a transição econômica e política influenciaram intensamente o período pós-Guerra Fria na Rússia. Além do caos político e socioeconômico, a Federação Russa viu-se prejudicada no contexto da superestrutura (GRAMSCI, 1982), na medida em que “(...)

⁴ O desastre de Chernobyl foi um acidente nuclear catastrófico que ocorreu em 26 de abril de 1986 na central elétrica da Usina Nuclear de Chernobyl (então na República Socialista Soviética Ucraniana), que estava sob a jurisdição direta das autoridades centrais da União Soviética. Uma explosão e um incêndio lançaram grandes quantidades de partículas radioativas na atmosfera, que se espalhou por boa parte da União Soviética e da Europa ocidental.

⁵ O sismo de Spitak, foi um tremor com magnitude de 7.2, que ocorreu em 7 de dezembro de 1988, na região armênia de Spitak, então parte da União Soviética.

⁶ there has been a rise in the structural power of transnational capital supported and promoted by forms of elite interaction that have forged common perspectives, or an ‘emulative uniformity’, between business, state officials, and representatives of international organisations, favouring the logic of capitalist market relations

⁷ Supremacy prevails when a situation of hegemony is not apparent and when dominance is exercised through a historical bloc over split opposition.

não houve geração de filósofos russos liberais preparando a mente das pessoas para o capitalismo e a livre iniciativa.” (GUSTAFSON, 1999, pg. 18, tradução nossa)⁸, diferentemente do ocorrido na Revolução Russa, porquanto não houve uma base teórica e ideológica autônoma da Rússia na proposição do processo a ser seguido com o fim da URSS, e nem mesmo uma classe média forte para influenciar nos acontecimentos políticos.

A Rússia, após 85 anos da Revolução Bolchevique, esteve imersa, novamente, em uma profunda “revolução”, que teve características muito diversas daquela ocorrida em 1917. A mudança de uma economia centralizada para uma economia de mercado teve como base a nova economia global do pós-Guerra Fria (Consenso de Washington⁹), que era entendida como o paradigma essencial para essa transição, por meio do qual se alcançaria o efetivo desenvolvimento da nova Federação Russa (GUSTAFSON, 1999).

2. A Revolução Passiva Russa

A partir desse paradigma, o governo da Federação Russa aplicou os preceitos neoliberais: primeiramente, o descontrole de preços, depois, as privatizações e, finalmente, a estabilização macroeconômica. O desenvolvimento efetivo, entretanto, não ocorreu, na medida em que não houve aumento significativo dos investimentos nem tampouco intenso crescimento; a economia de mercado proporcionou, na verdade, enorme corrupção, inequidade e sofrimento da população russa. Consequentemente, o apoio da sociedade às reformas foi gradativamente diminuindo, e seu principal defensor, o ex-presidente da Rússia Boris Yeltsin, perdia cada vez mais seu prestígio.

Embora a aplicação das teses e teorias neoliberais tenha obedecido estritamente à cartilha do Consenso de Washington, a realidade foi extremamente discrepante da teoria, principalmente com relação a características singulares da transição do socialismo ao capitalismo na Rússia, o que proporcionou uma verdadeira Revolução Passiva (GRAMSCI, 1984).

Nesse contexto:

“[...] É também necessário levar em conta o fato de que as relações internacionais se entrelaçam com aquelas relações dos Estados

⁸ There had been no generation of Russian liberal *philosophes*, preparing people's minds for capitalism and free enterprise

⁹ Consenso de Washington é uma conjugação de grandes medidas - que se compõe de dez regras básicas - formulado em novembro de 1989 por economistas de instituições financeiras situadas em Washington D.C., como o FMI, o Banco Mundial e o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, fundamentadas num texto do economista John Williamson, do *International Institute for Economy*, e que se tornou a política oficial do Fundo Monetário Internacional em 1990, quando passou a ser "receitado" para promover o ajustamento macroeconômico dos países em desenvolvimento que passavam por dificuldades.

nacionais, criando combinações novas, únicas e historicamente concretas [...]” (GRAMSCI apud IVES e SHORT, 2004, p. 15)¹⁰

Portanto, a teoria de Revolução Passiva aduz a existência de especificidades na internalização, em cada Estado nacional, das inúmeras mudanças ocorridas no contexto mundial, por intermédio da demonstração da importância das classes sociais e das formas específicas de Estado na internalização da globalização (BIELER apud MORTON 2007).

Em decorrência disso, o âmbito internacional modela realmente o processo de formação dos Estados, entretanto a relevância das forças de classes nacionais não pode ser desprezada, uma vez que se deve analisar “[...] como o problema complexo aparece das relações das forças internas num país em questão, das relações de forças internacionais, e da posição geopolítica do país” (GRAMSCI apud MORTON 2007, p. 149, tradução nossa).¹¹ O aparecimento e a intensificação dos poderes das oligarquias russas, portanto, foram essenciais para a Revolução Passiva russa e devem ser explicitadas:

“Uma teoria de Revolução Passiva é capaz de encapsular os processos de acumulação de capital moldando as formas estatais, que são incorporados na padronização geopolítica da ordem mundial” (ADAM apud MORTON, p. 150, tradução nossa)¹².

2.1. Novas relações de poder: A ascensão oligárquica

Amparados por consultores ocidentais, intelectuais reformadores acreditavam que uma “terapia de choque” seria capaz de quebrar os laços com o passado comunista e gerar espontaneamente mercados e as instituições necessárias para seu funcionamento. O principal argumento em favor da “terapia de choque” era o de que a estratégia gradualista não estava funcionando por causa da interferência dos burocratas” (ALVES, 2011, p. 192). Ela era defendida por Yegor Gaidar¹³ e o Instituto de Políticas Econômicas, os quais argumentavam que as reformas deveriam ser realizadas de maneira rápida para serem eficazes e diminuir a possibilidade de reversibilidade. A sequência defendida primeiramente abrangeria privatizações, desmonopolizações e formação de estruturas de mercado. Posteriormente, métodos de estabilização financeira e liberalização econômica seriam realizados (SINELNIKOV-MURYLEV e TROFIMOV, 2003).

¹⁰ [...]It is also necessary to take into account the fact that international relations intertwine with these internal relations of nation-states, creating new, unique and historically concrete combinations[...]

¹¹ How the complex problem arises of the relation of internal forces in the country in question, of the relation of international forces, and of the country's geopolitical position

¹² A theory of passive revolution is able to encapsulate the processes of capital accumulation shaping state forms that are embedded in the geopolitical patterning of world order

¹³ Yegor Gaidar foi um intelectual orgânico daquele período, componente dos chamados “Jovens Reformadores”, o qual foi essencial para a implementação de uma economia de mercado russa, principalmente por meio das privatizações em massa e das reformas liberalizantes. Ele indicado para os postos de ministro da Economia e das Finanças e, posteriormente, para o de primeiro- -ministro.

Anatoly Chubais foi indicado como chefe da agência estatal criada para comandar as privatizações na Federação Russa, tida como essenciais para o estabelecimento de um Estado capitalista pujante. Oficialmente, o programa foi lançado em junho de 1992 e obteve amplo apoio popular, já que prometia “transferir a maior parte da propriedade nacional para a população por meio de um esquema envolvendo a distribuição de *vouchers*” (ALVES, 2011, p. 193). A partir disso, diminuiu-se a resistência da oposição comunista, a qual dominava a Duma naquele momento. Formaram-se com esse processo, contudo, grandes grupos empresariais, uma vez que os vouchers acabaram concentrados nas mãos de poucos, principalmente dos empregados e dirigentes das empresas.

[...] tornou-se comum a prática de intimidação por parte dos administradores das empresas, que levavam os empregados a acreditar que poderiam ser demitidos se vendessem suas ações para outsiders ou se recusassem a vender suas ações para eles, o que levou a uma grande concentração do poder nas empresas privatizadas (ALVES, 2012, p. 194).

Isso permitiu que os diretores se tornassem donos das próprias empresas que dirigiam, por intermédio de um pequeno pagamento ao Estado. Após essas privatizações em massa de junho de 1994, o esquema *loans for shares* tornou-se primordial, visto que “[...] a adoção deste modelo decorreu de um processo de barganha envolvendo o governo e alguns banqueiros, enriquecidos por múltiplas atividades durante a *Perestroika* e a primeira fase da privatização. Na época, o presidente Boris Yeltsin vivia às voltas com uma grande crise fiscal e com a possibilidade de perder a eleição presidencial de 1996, para a qual o líder do Partido Comunista, Gennady Zyuganov, era o favorito” (SHLEIFER; TREISMAN apud ALVES, 2011, p. 194).

Conseqüentemente, “A proposta de privatização, sugerida pelos banqueiros em março de 1995 selou o pacto entre as duas partes, ambas interessadas na permanência de Yeltsin no poder, ao permitir a elevação das receitas de privatização (em relação à privatização de massa da etapa anterior), ao mesmo tempo que permitia aos banqueiros assumir o controle de ativos valiosos por preços módicos” (ALVES, 2011, p. 194-95)

O esquema influenciou diretamente numa transferência em massa de propriedades estatais para a mão de poucos:

O esquema envolvia a concessão de empréstimos ao governo russo tendo como garantia ações de empresas de petróleo e gás, de metalurgia e de telecomunicações ainda não privatizadas. O banco que oferecesse o maior empréstimo por um dado lote de ações seria o vencedor do leilão. Os empréstimos teriam como data de vencimento 1o de setembro de 1996. Caso não fossem honrados, os bancos poderiam vender as ações uma vez decorrido o prazo de dois anos, ficando com um terço dos ganhos de capital – o restante deveria ser devolvido ao Estado. Como o Estado não foi capaz de

honrar suas obrigações – Black, Kraakman e Tarassova (2000) e Guriev e Rachinsky (2005) afirmam que na verdade nunca houve a intenção de pagar –, os bancos venderam as ações, em leilões suspeitos, nos quais os mesmos bancos (ou suas subsidiárias) as adquiriram por preços muito abaixo do valor “justo” (ALVES, 2011, p. 195).

As oligarquias provinham de 3 diferentes grupos: “i) diretores das grandes empresas estatais, que na desmontagem dos grandes órgãos de planejamento e no processo de privatização de massa assumiram o controle dessas empresas; ii) banqueiros privados que serviram de intermediários dos grandes empréstimos internacionais dos anos 1990; e iii) gangsteres que prosperaram com o colapso das instituições soviéticas” (ALVES, 2011, p. 198). A partir das privatizações em massa, eles obtiveram as empresas mais importantes da antiga URSS e se estabilizaram como forças políticas oligárquicas efetivas na nova ordem, uma vez que, num espaço de poucos anos, centenas de bilhões de dólares migraram das propriedades estatais para as empresas privadas, por intermédio do processo de Acumulação por Desapossamento ou Espoliação (HARVEY, 2004), o que possibilitou que uma classe hegemônica e conglomerados emergissem de uma hora para outra.

Esse processo é um fenômeno que modificou de maneira profunda as relações de propriedade em diversos territórios, por intermédio de privatizações e re-privatizações. Ele significou uma força pró-capitalista intensa, na medida em que houve a expansão da força de trabalho dispossada – proletarização da força de trabalho -, por meio da quebra das relações produtivas, tanto capitalistas - por exemplo, empresas estatais vendidas à iniciativa privada - ou não capitalistas – como a agricultura de subsistência -, o que proporcionou uma verdadeira “criação destrutiva” (HARVEY, 2004). Ele consistiu-se na “[...] exploração neocolonial da periferia do sistema mundial capitalista, que envolve o desapossamento do campesinato e a conversão deles em proletários sem terras”, com “[...] a privatização de serviços públicos e muitas outras atividades destrutivas” (HARVEY apud DZARASOV, 2014, p. 18, tradução nossa)¹⁴. Nunca, na história da humanidade, ocorreu uma transferência tão dramática de bem-estar, a não ser por meio de conquistas militares (GUSTAFSON, 1999). Portanto, essa privatização selvagem deu origem a uma nova burguesia ligada aos recursos naturais, principalmente ao petróleo e ao gás natural.

Essa transferência maciça atingiu o cerne de um regime que pretendia ser um pujante Estado capitalista, na medida em que não há a possibilidade de existir capitalismo sem capitalistas, porquanto os novos oligarcas conquistaram essas transferências, na maioria dos casos, por intermédio de manipulações e lobbies regionais e legislativos. Desse modo,

¹⁴ This can be seen in the neocolonial exploitation of the periphery of the capitalist world-system, involving the displacement of peasants and their conversion into landless proletarians, [...] the privatisation of public services and many other destructive activities

não tiveram uma evolução de classe burguesa histórica. Eles não se comportariam a partir da perspectiva da busca de capitais, mas sim como “sugadores” de renda (GUSTAFSON, 1999). Esse novo poder oligárquico emergiu sem responsabilidades e direitos, uma vez que o Estado era extremamente frágil. O governo era muito dividido, corrupto e não confiável para propiciar proteção legal e efetiva para os direitos de propriedade e os contratos. Em decorrência disso, “os novos proprietários buscaram proteção onde eles puderam achar – de políticos e da máfia” (GUSTAFSON, 1999, pg. 28, tradução nossa)¹⁵.

As reformas ultrarradicais lideradas por Anatoly Chubais e Yegor Gaidar no governo Yeltsin, centradas na liberalização dos preços, dos mecanismos de controle e na privatização, resultaram em drástica contração dos setores e das atividades não exportadoras e na formação de uma nova classe dominante, a dos oligarcas. (MEDEIROS, 2012, p. 24)¹⁶.

A Rússia passou a viver verdadeiramente um “capitalismo gangster”, uma vez que “sobre as condições do capitalismo emergente russo, era impossível sobreviver em grandes negócios sem um forte apoio político” (DAZARASOV, 2014, p. 3, tradução nossa)¹⁷. Por exemplo, em 1996, oligarcas se juntaram “para ajudar Yeltsin a vencer o que se tornou conhecida como a campanha eleitoral presidencial mais corrupta na história da Rússia pós-soviética” (DAZARASOV, 2014, p. 4, tradução nossa)¹⁸.

2.2. Consequências Econômicas

A consequente formação de uma burguesia monopolista e a centralização de poderio econômico na mão de poucos na Rússia, a partir da terapia de choque, aprofundaram a inequidade social a níveis extraordinários, além de dizimar as indústrias nacionais estatais, inclusive em âmbitos essenciais – petróleo, metalúrgicas -. Da mesma forma, a instabilidade política e social foram fatos marcantes nessa década histórica, já que interesses díspares das oligarquias se sobrepujam aos interesses estatais em inúmeros contextos.

Em pouco tempo, forças políticas conservadoras começaram a dominar e a consolidar o poder local, evitando a entrada de políticos democráticos na administração. Em decorrência disso, um novo sistema político emergiu, baseado na proteção política; as instituições não funcionavam; a nova economia servia, principalmente, aos interesses da especulação do

¹⁵ [...] the new property owners looked for protection where they could find it – from politicians and from the mafia.

¹⁶ As fronteiras entre o gangsterismo e as atividades legais tornaram-se de fato muito tênues. Como observa Gustafson (1999) uma das principais atividades dos gangsteres era a compra de petróleo bruto e refinado a um preço interno reduzido e a sua venda em Chipre e Nova Iorque por uma rede própria

¹⁷ [...] under the conditions of Russia’s emerging capitalism it was impossible to survive in big business without strong political support

¹⁸ [...] help Yeltsin win what became acknowledged as the most corrupt presidential election campaign in post-Soviet Russian history

Ocidente; houve aumento da influência das máfias; e transformação da Rússia em exportadora de commodities.

A economia tornou-se terra de ninguém, nem socialista nem capitalista. Na primeira década, a tentativa de transição para o mercado criou mais perdedores do que vencedores (GUSTAFSON, 1999, pg. 08, tradução nossa)¹⁹.

A “terapia de choque” (BURAWOY, 2001) utilizada para destruir a velha classe administrativa soviética não possibilitou a criação de uma burguesia e comprometeu o desenvolvimento econômico. A falta de sucesso na transição deve-se, também, à fraqueza do Estado russo, das características “sugadoras” da elite oligárquica e da “fluidez” da sociedade civil e ativa (BURAWOY, 2003).

Juntamente com outros fatores, como falta de desenvolvimento institucional, grandes débitos orçamentários (lobbies setoriais e regionais impulsionavam a expansão dos gastos), arrecadação tributária ineficiente (benefícios fiscais às oligarquias e permutas para trocas comerciais), baixa monetarização da economia e rublo forte (até 1999 aproximadamente) proporcionaram um verdadeiro caos político, econômico e social na Federação Russa. O Estado Russo tornou-se central para o estabelecimento do capitalismo no seu território; quando a classe dominante, contudo, falha em perpetrar a hegemonia ou em criar um Estado Moderno, um Estado bastardo poliárquico é estabelecido como consequência:

Isso significa que a regra universal do capital por intermédio de revoluções passivas – ou tentativas lideradas pelo Estado no desenvolvimento de catch-up – frequentemente resultaram em um “nascimento bastardo” de realizações notavelmente incompletas, não se configurando um Estado moderno” (ANDERSON apud MORTON 2007, p. 152, tradução nossa)²⁰.

A “Poliarquia é definida como um sistema no qual um pequeno grupo realmente manda e a participação das massas nas tomadas de decisões estão confinadas a escolhas de lideranças em eleições cuidadosamente gerenciadas por elites competidoras” (ROBINSON apud MORTON, 2007, p. 128, tradução nossa)²¹:

“Gramsci critica as especificidades de certos projetos de construção nacional, precisamente por causa das suas políticas não populares e não inclusivas. Em outros casos, ele é crítico da falta de tentativas de construções nacionais progressivas. E o ponto de sua análise é mostrar onde esse projeto é instrumentalizado em favor de um bloco histórico de uma minoria de grupos sociais dominantes que fomentam

¹⁹ The economy is still a no-man’s-land, neither socialist nor capitalist. In its first decade, the attempted transition to the market created far more losers than winners

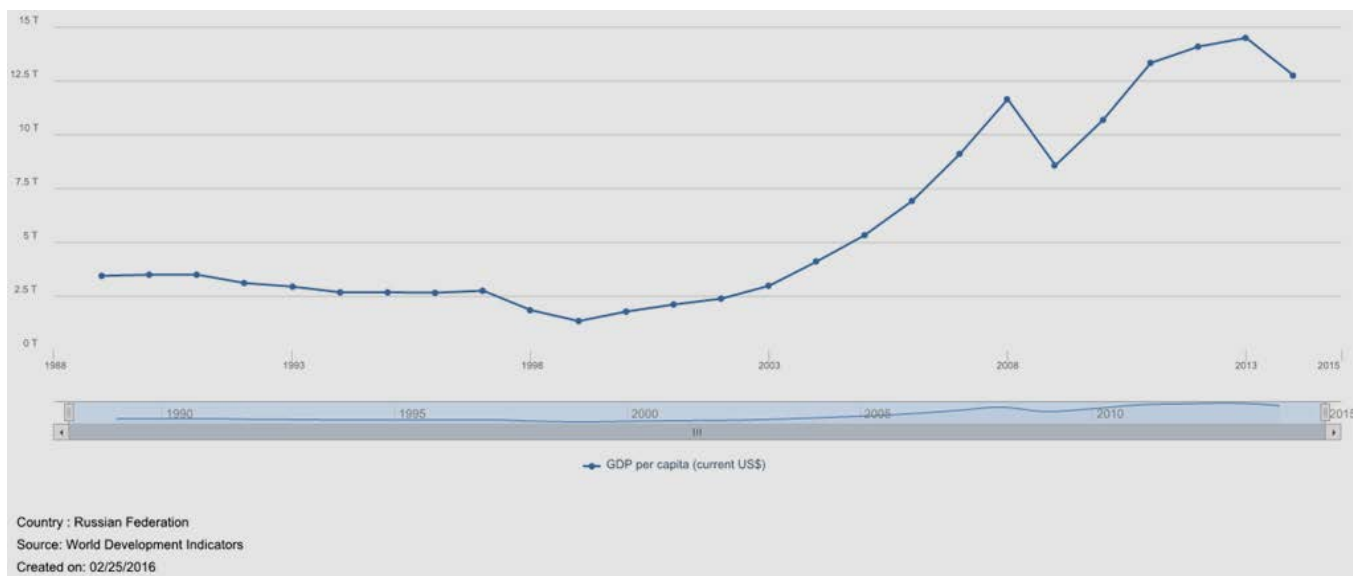
²⁰This means that the universal rule of capital through passive revolutions – or state-led attempts at developmental catch-up – often resulted in a ‘bastard birth’ of ‘strikingly incomplete’ achievements besides the construction of a modern state.

²¹Polyarchy, defined as “a system in which a small group actually rules and mass participation in decision-making is confined to leadership choice in elections carefully managed by competing elites

exploração e opressão, e quando mantém possibilidades para um maior movimento progressista capaz de desafiar tal exploração e opressão” (IVES e SHORT, p. 8, tradução nossa)²².

As consequências dessa Revolução Passiva foram catastróficas, principalmente se forem analisados o desenvolvimento do PIB nominal e do PIB per capita da Federação Russa até aproximadamente 1999:

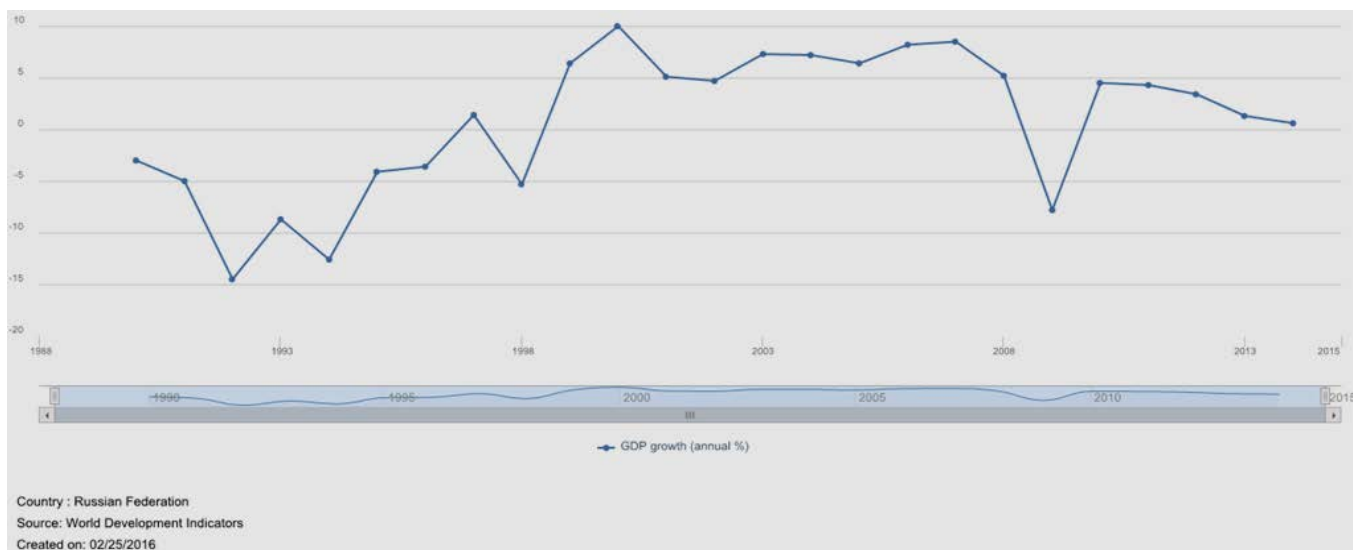
Gráfico 1 – PIB per capita (US\$ valores atuais)



Fonte: The World Bank, 2016

²² Gramsci is critical of the specifics of certain ‘nation-building’ project precisely due to their non-popular and exclusionary policies. Elsewhere he is critical of the absence of attempts of progressive nation-building. And the point of his analysis is to show where this project is carried out in favour of a historical bloc of a minority of dominant social groups fostering exploitation and oppression, and when it hold possibilities for a more progressive movement capable of challenging such exploitation and oppression.

Gráfico 2 – Crescimento do PIB (% anual)



Fonte: The World Bank, 2016

A variação do PIB russo é negativa por cerca de 8 anos, atingindo quase -15%, em 1992, e -12,5%, em 1994: “[...] Devido tanto ao seu desmembramento – particularmente com a autonomia da Ucrânia que detinha a melhor agricultura e importantes segmentos da indústria pesada soviética – quanto à contração econômica, a Rússia perdeu 45% do seu PIB entre 1989 e 1998” (POPOV apud MEDEIROS, 2012). Além disso, importante perceber que o PIB per capita, em 1988 e 2003 possui valores relativamente próximos, ou seja, por aproximadamente de 15 anos, essa variável teve níveis menores do que aqueles existentes antes da queda da ex-URSS, para, somente a partir de 2003, superar esse valor pretérito.

Os russos, os quais aceitaram obedientemente as reformas, foram testemunhas de um declínio sem precedentes na produção e da queda de seus padrões de vida, a criminalização da sociedade, o colapso dos sistemas de educação e de saúde, e a transformação da Rússia num Estado semi-dependente (DZARASOV, 2014, p. 2, tradução nossa)²³.

3. Como o fim do caos foi possível?

O colapso de 1998 ocorreu “em 4 níveis”. O primeiro estágio ocorreu quando da diminuição dos preços do petróleo e da fuga de capitais dos países emergentes para os países centrais, o que enfraqueceu toda a economia russa. O Estado russo não tinha divisas, nem uma política fiscal eficiente. O mais importante para o aprofundamento da crise, contudo, devia-se à própria fraqueza do Estado, visto que não proporcionava o cumprimento dos

²³ Russians who had obediently accepted the reforms were to witness an unprecedented decline in production and fall in their living standards, the criminalisation of society, the collapse of the education and health care systems, and the transformation of Russia into a semi-dependent state

contratos e dos serviços básicos de proteção financeira, conseqüentemente não podendo evitar a saída de divisas. Excepcionalmente, um dos benefícios dessa crise ocorreu no contexto industrial, na medida em que a desvalorização do rublo possibilitou um grande aumento nas exportações desse país (GUSTAFSON, 1999). Além disso, de maneira clara, percebeu-se que reformas deveriam ser realizadas. A mais importante consequência, porém, foi o profundo enfraquecimento do último defensor das reformas de mercado, Boris Yeltsin, em decorrência dos inúmeros insucessos das reformas econômicas, principalmente aquelas dos “Jovens Reformadores”. Os oligarcas, de modo semelhante, enfraqueceram-se, dependendo ainda mais do Estado central.

Não existiam, efetivamente, os “comissários da hegemonia” (Gramsci, 1982), já que não havia um consenso espontâneo entre as grandes massas, e nem o prestígio dos novos grupos dominantes, já que os partidos políticos não possuíam ideologias e se identificavam mais com personalidades singulares do que com projetos efetivos de Estado. De maneira diversa do que ocorreria numa sociedade civil mobilizada, o aparato coercitivo estatal russo serviu para disciplinar alguns poucos grupos que não consentem, já que a maioria dessa sociedade não está nem mesmo mobilizada (UHLIN, 2006). A expansão do Estado, nessa época, não possibilitou um aparato estatal ideológico efetivo que proporcionasse uma hegemonia social, e não apenas política, por intermédio da coerção potencial. A Rússia viveu, verdadeiramente, uma espécie de revolução passiva, na qual houve a desmobilização das classes subalternas (GRAMSCI, 1982) e a transformação do Estado soviético em um Estado Poliárquico.

O ano de 1999, após a crise financeira mundial, representou recuperação na economia russa, uma vez que a desvalorização do rublo possibilitou a intensificação da competitividade das indústrias russas, num verdadeiro processo de substituição de importações. A melhora da economia deve-se, entretanto, principalmente ao aumento dos preços dos hidrocarbonetos, essencialmente petróleo e gás, os quais atingiram patamares históricos muito altos, em 2005-2006 para este, e 2007-2008 para aquele. Os preços elevadíssimos, aliados ao aumento substancial da produção, impulsionaram as finanças russas, possibilitando desse modo uma intensificação importante nas suas capacidades materiais.

Gráfico 3 – Variação do preço do gás natural (US\$ atual)

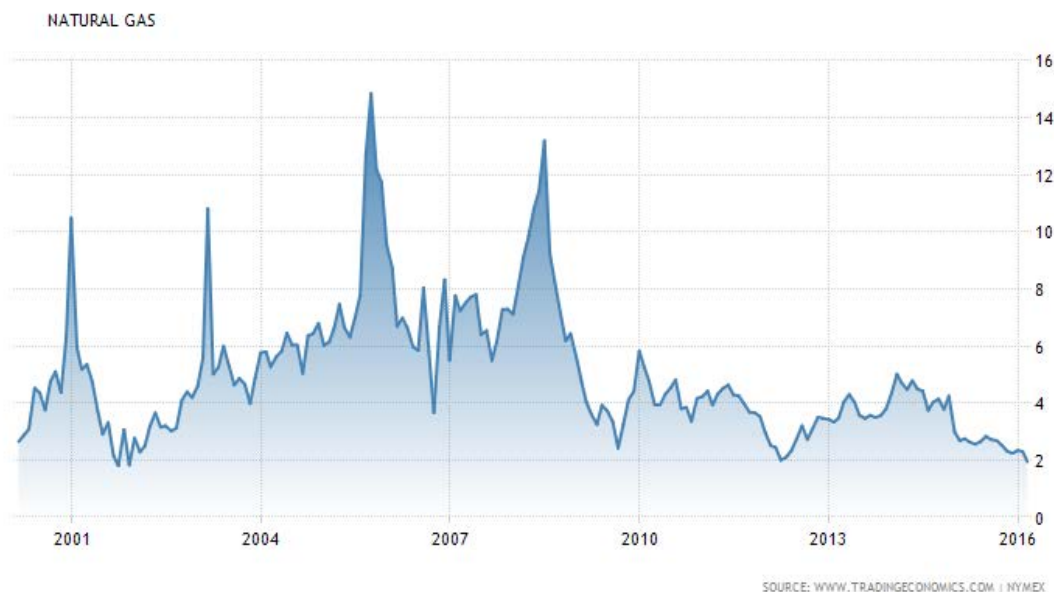


Gráfico 4 – Variação do preço do petróleo Brent bruto (US\$ atual)



O contexto econômico, porém, não foi a única variável importante para dar fim ao caos existente na Federação Russa dos anos 1990. Vladimir Putin assumiu o cargo de Primeiro-Ministro após a renúncia de Stepashin e, com a renúncia de Yeltsin à presidência em dezembro, Putin foi empossado como presidente interino; Putin foi eleito, posteriormente, presidente russo em 2000. Conquanto tenha sido ajudado por uma melhora substancial do contexto macroeconômico, o aumento da estabilidade política e social na Rússia está baseado também na enorme reviravolta que esse estadista provocou nesse país,

principalmente se comparado ao caos político, econômico, social e institucional dos anos 1990:

A reviravolta russa no novo milênio não se limitou à construção de um novo regime macroeconômico a partir de uma nova estrutura de preços relativos. Com a eleição de Vladimir Putin na Presidência do país em 2000, afirmou-se uma estratégia de centralização do poder do Estado [...]. Já como presidente, Putin sublinhou que o maior problema russo era a “fraqueza da vontade” (SAKWA, 2004). [...] O maior enquadramento e submissão ao Estado das oligarquias se deram de dois modos. A própria crise de 1998 destruiu centenas de bancos e fortunas privadas foram arruinadas pelo “desencontro de divisas” entre seus ativos em rublos desvalorizados e passivos dolarizados. Em decorrência, houve grande centralização financeira e parcial estatização com a afirmação do Sberbank – majoritariamente controlado pelo Banco Central russo – como o principal banco comercial e de investimentos do país. O poder econômico centralizou-se essencialmente nos grupos exportadores de commodities. Desse modo, o segundo movimento foi o aperto fiscal dos oligarcas nos setores exportadores, incluindo a re-estatização de empresas como a Gazprom e a Yukos. Com o enquadramento do império da mídia, mudou a correlação de forças a favor de um Estado forte com mais capacidade de impor a “lei e a ordem”, na realidade, a decisão de restabelecer uma relativa autonomia do Estado russo frente aos interesses imediatos das oligarquias e, sobretudo, a centralização da arrecadação fiscal e a redução da gigantesca evasão dos anos anteriores. Autonomia relativa, entretanto, na medida em que as oligarquias transformaram-se em parte do sistema de poder (MEDEIROS, 2011, p. 26).

A reconstrução da Federação Russa na era Putin consistiu na “afirmação de um projeto nacionalista de recuperação do Estado russo, ancorado em um padrão de acumulação baseado na expansão e na internacionalização dos mercados internos e na exportação de recursos naturais” (MEDEIROS, 2011, p. 29). Além disso, Putin estimulou um modelo de “[...] estratégia de modernização industrial defensiva, baseada na construção de grandes empresas públicas em atividades consideradas estratégicas e na atração de capital estrangeiro, num modelo de crescimento capitalista liderado pelo Estado” (MEDEIROS, 2011, p. 09). Vladimir Putin conseguiu despertar e organizar a vontade coletiva de um determinado bloco histórico (GRAMSI, 1982), e restaurar e reorganizar o Estado russo, estabelecendo um Cesarismo de tipo defensivo (GRAMSCI, 1984), não criador original, na medida em que não houve transformação completa do tipo de Estado, porquanto a Rússia continua a ser uma Poliarquia dominada por uma oligarquia afeita a lobbies e ilícitos para obter seus interesses individuais. Esse bonapartismo *soft* (LOSURDO, 2004) demonstra que houve a centralização do poder no âmbito Executivo, o que reduz a possibilidade de participação democrática das massas populares e se fortalece a personalização do poder em Vladimir Putin. Existe um complexo aparato estatal e outros atores relevantes por trás desse líder carismático, porém essas forças tornam-se quase ocultas aos olhos das massas, promovendo a deseducação destas.

Dialecticamente, a estabilização da estrutura e a emergência de Putin possibilitaram reformas intelectuais e morais, expandindo as capilaridades do Estado russo e auxiliando na estabilização da superestrutura, na medida em que isso era necessário para colocar fim ao caos institucional e econômico no país.

Considerações Finais

A figura Cesarista (Gramsci, 1984) de Vladimir Putin emergiu a partir da catástrofe estrutural e das deficiências intrínsecas propiciadas por todos os fatores supracitados, que possibilitaram o aparecimento de uma espécie de solução arbitral no contexto da Federação Russa, uma vez que conflitos entre frações dessa classe oligárquica ainda são recorrentes. O Cesarismo representado por Putin foi do tipo reacionário, uma vez que as oligarquias russas do período neoliberal não foram excluídas do poder, muito pelo contrário, realizaram uma espécie de pacto tácito com a nova figura cesarista e permaneceram influenciando diretamente a política e a economia do país, apesar da maior dependência deles com relação ao Estado central.

Essa influência é demonstrada pela força desse regime poliárquico, já que nem mesmo Vladimir Putin “[...] desafiou as bases do regime oligárquico na Rússia pós-soviética” (DAZARASOV, 2014, p. 5). O presidente efetivamente conseguiu impedir o prosseguimento do caos neoliberal, possibilitando a recuperação em todos os contextos do país, principalmente no que concerne à política externa.

Apesar da estabilização, a Rússia pós-1999 persistiu com dois problemas profundos. Primeiramente, “[...] a estrutura econômica russa mudou intensamente em favor de indústrias extrativistas, em detrimento de setores industriais de alta-tecnologia e até mesmo tradicionais” (DZARASOV, 2014, p. 6, tradução nossa)²⁴. Por último, o bloco histórico configurado pela ascensão oligárquica ainda continua em vigor e com disputas latentes entre frações dessa classe, embora ele tenha sido estabilizado por Vladimir Putin.

4. Referências Bibliográficas

ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli. **Internacionalização de Empresas Russas**. In: ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli. **Uma longa transição: vinte anos de transformações na Rússia (org)**. Ipea. Brasília. 2011.

BURAWOY, Michael. **“Transition without transformation: Russia’s Involuntary road to capitalism”**, East European Politics and Societies, 2001

²⁴ [...] the Russian economy’s structure has changed dramatically in favour of extractive industries, to the detriment of high-tech and even traditional industrial sectors.

BURAWOY, Michael. **For a Sociological Marxism: The Complementary Convergence of Antonio Gramsci and Karl Polanyi.** *Politics&Society*[S.I.], v. 31, n. 2, p. 193-261, 2003.

DZARASOV, Ruslan. **The Conundrum of Russian Capitalism: The Post-Soviet Economy in the World System.** Pluto Press. Londres. 2014

GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno.** Rio de Janeiro; Editora Civilização Brasileira, 1984

GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura.** Rio de Janeiro; Editora Civilização Brasileira, 1982

GUSTAFSON, Thane. **Capitalism Russian-Style.** Cambridge University Press, 1999

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo.** São Paulo. Loyola, 2004

IVES, Peter e SHORT, Nicola. **Gramsci's Politics of Language: Engaging The Bakhtin Circle And The Frankfurt School.** University of Toronto Press, 2004

MAU, Vladimir. **Introduction: Economic Reforms and Revolution.** In: GAIDAR, Yegor. **The Economics of Russian Transition (org).** Cambridge, Massachusetts. The MIT Press, 2003

MAU, Vladimir. **The Logic and Nature of the Soviet Economic Crisis.** In: GAIDAR, Yegor. **The Economics of Russian Transition (org).** Cambridge, Massachusetts. The MIT Press, 2003

MEDEIROS, Carlos Aguiar de. **A Economia Política da Transição na Rússia.** In: ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli. **Uma longa transição: vinte anos de transformações na Rússia (org).** Ipea. Brasília, 2011

MORTON, Adam David. **Unravelling Gramsci: Hegemony and Passive Revolution in the Global Political Economy.** Pluto Press. Londres, 2007

SINELNIKOV-MURYLEV, Sergei e TROFIMOV, Georgy. **General Macroeconomic Problems of the Postsocialist Transition in Russia.** In: GAIDAR, Yegor. **The Economics of Russian Transition (org).** Cambridge, Massachusetts. The MIT Press, 2003

UHLIN, Anders. **Post-Soviet Civil Society Democratization in Russia and the Baltic States.** Bases Routledge Series on Russian and East European Studies, 2006

LOSURDO, Domenico. **Democracia ou Bonapartismo.** UNESP, 2004